

Isa Margarida Vitória Severino

Diarios de Alejandra Pizarnik: um exercício de escrita e de memória

Itinerarios. Revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos nr 13, 169-176

2011

Artykuł został opracowany do udostępnienia w internecie przez Muzeum Historii Polski w ramach prac podejmowanych na rzecz zapewnienia otwartego, powszechnego i trwałego dostępu do polskiego dorobku naukowego i kulturalnego. Artykuł jest umieszczony w kolekcji cyfrowej bazhum.muzhp.pl, gromadzącej zawartość polskich czasopism humanistycznych i społecznych.

Tekst jest udostępniony do wykorzystania w ramach dozwolonego użytku.

Isa Margarida Vitória Severino

DIARIOS DE ALEJANDRA PIZARNIK: UM EXERCÍCIO DE ESCRITA E DE MEMÓRIA

Resumo: Partindo de *Diarios* da escritora argentina Alejandra Pizarnik, pretendemos analisar a correlação que se estabelece entre escrita e memória. Assim, tomando como ponto de partida a escrita diarística pizarnikiana, concebida como um exercício de resistência contra o desespero e solidão profundos, iremos perscrutar o desdobramento que se efectua entre o eu, que escreve, e o outro, que se observa, sempre condicionado pela subjectividade e pelo crivo da memória.

Palavras chave: Alejandra Pizarnik, diários, escrita, eu-outro, memória

Title: Alejandra Pizarnik's *Diarios*: the Exercise of Writing and Memory

Abstract: The reading of the Argentinian writer Alejandra Pizarnik's *Diarios* aims to analyze the connection between writing and memory. Thus, taking as starting point Pizarnik's diarist writing, meant as a violent exercise against the deep despair and loneliness, we intend to look into the unfolding that happens between the self, who writes, and the other, who watches herself, always limited by the subjectivity and the filter of memory.

Key words: Alejandra Pizarnik, diaries, writing, the self and the other, memory

A reflexão que nos propomos desenvolver incide sobre o registo diarístico da escritora argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972), natural de Buenos Aires. A autora estudou Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires e posteriormente deslocou-se para Paris em 1960, permanecendo naquela cidade até 1964. Aí estudou Literatura Francesa na Sorbonne e colaborou em vários periódicos e revistas, tendo participado com os seus poemas e traduções de Artaud e Cesairé, entre outros. Foi autora de crónicas, de poesia e de um extenso diário, constituído por um conjunto de vinte e seis cadernos manuscritos que começou a escrever a partir de 1954 até 1972, último ano da sua vida.

Mulher dotada de uma personalidade insólita, Alejandra foi considerada por muitos contraditória, perversa e inclusive “poeta maldita”. De acordo com Patricia Venti, o percurso biográfico da autora terá contribuído para lhe granjear esta reputação, “(mujer, judía e hija de emigrantes, sus excesos sexuales, su esquizofrenia y posterior suicidio) han contribuido a confundir el «yo» poético” con el creador (Venti 2008: 10).

Pizarnik, à semelhança do que sucedera com outras escritoras suicidas, evocamos a título de exemplo a poetisa portuguesa Florbela Espanca, foi alvo de estudos que tendencialmente confundiram o eu lírico com o eu autoral, fazendo imbricações da vida na obra da autora e atribuindo ao seu eu real uma aura mitológica.

Ao longo deste estudo, como já referimos, deter-nos-emos nos diários da escritora, recorrendo à segunda edição de *Diarios*, organizada por Ana Becciu, tendo como principal objectivo analisar como este eu se escreve e se inscreve. Qual a imagem que projecta de si e de que forma o exercício de escrita, subjacente à redacção dos seus diários, é o resultado de uma evocação/esborramento de memória. Pretendemos ainda averiguar a importância da memória neste processo de escrita do eu.

Diarios de Alejandra Pizarnik é considerado por Ana Becciu um livro medularmente alejandrino, “«alejandrino» – a más no poder” (Pizarnik 2005: 7) –, mas que se distancia dos registos diarísticos, na medida em que a itenção de “escribir un diario como un relato de «vida» está prácticamente ausente” (Pizarnik 2005: 10).

Retomando as palavras de Ana Becciu, as páginas de *Diarios* permitem captar traços fundamentais da escritora argentina, já que supostamente são o resultado do olhar atento da autora que capta, fixa, transmuda e transfigura as experiências vivenciadas. Não queremos com isto dizer que esta narrativa autobiográfica seja ficção, mas sim um limar de arestas, uma redefinição de prismas, assente na verdade pessoal, e também parcial, de um eu que procura uma visão mais nítida de si:

Quanto ao facto de que a identidade individual, na escrita como na vida, passa pela narrativa, isso não quer de modo algum dizer que ela seja ficção. Pondo-me por escrito, eu apenas prolongo o trabalho de criação de “identidade narrativa” (como diz Paul Ricœur) em que consiste toda e qualquer vida. Claro que, ao tentar ver-me melhor, continuo a criar-me, passo a limpo os rascunhos da minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não estou a brincar à invenção de mim mesmo. Pelo contrário, ao tomar a senda da narrativa sou fiel à minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativa, é por isso que se aguentam em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que se cola a esse imaginário está do lado da verdade. Isto não tem qualquer relação com o jogo deliberado da ficção. (Lejeune 2003: 41)

Na escrita diarística, Alejandra cultivou e “prolongo[u] o trabalho de criação de «identidade narrativa»”. Assim, o eu autoral recupera os movimentos do eu actuante, através de um exercício de memória, de consciência e de raciocínio, procurando atingir a resposta para a obsidiante pergunta que se encontra subjacente à escrita autobiográfica – Quem sou eu?

Obviamente que este processo de reconstituição/criação está condicionado pela visão do eu – que viveu e presenciou os acontecimentos, os quais são transpostos para a narrativa – e pela memória, sempre norteada pela passagem do tempo. Se, por um lado, o distanciamento temporal permite uma análise também ela mais distanciada e, em certa medida, mais imparcial; por outro, inibe a reconstituição fiel dos acontecimentos, pois apesar de se assistir a uma busca de realismo, há uma predisposição da mente para a efabulação (Morão 1987: 53).

Na verdade, a escrita autobiográfica, referimo-nos neste contexto específico aos diários, despoleta um olhar atento face ao passado ou uma parte determinada do passado, permitindo reflectir sobre ele. Não raras vezes, a narração desse passado sofre mutações e o relato que se obtém é já uma reinterpretação e uma releitura dessa vivência: “La autobiografía vela una desfiguración de la mente por ella misma causada” (De Mann 1991: 118).

A autobiografia tem um valor auto-referencial que remete para o momento da escrita e consequentemente para o eu actual. Pressupõe ainda o projecto de reconstituir factos do passado à luz do momento presente, o que implica a relação entre passado/presente e envolve algum risco de inexactidão, pois a vida que se fixa nos livros, e de modo particular nos diários, está sempre condicionada pelo crivo da memória e é representificada “a partir de um «agora» em que «eu» já se vê como uma imagem distante – como «outro»” (Morão 1987: 36), o que vem corroborar a opinião de Clara Rocha:

[...] entre o modelo autobiográfico e a sua reprodução textual existe uma identidade fantástica (eu é um outro), compensada por uma alteridade tranquilizadora (o outro é semelhante ao eu). Um dos sinais da autobiografia é precisamente o equívoco desta relação entre o eu e o outro, que assume em geral o estatuto de cumplicidade. O eu confirma-se na reprodução de si próprio, que é já outro [...]. (1977: 73)

O diário surge, assim, como um espaço onde Alejandra exercita a sua escrita, anota reflexões sobre leituras, vivências e experiências em que, de algum modo, participa e se analisa, num eu-outro: “Hablar de sí en un libro es transformarse en palabras, en lenguaje. Decir yo es anonadarse, volverse un pronombre, algo que está fuera de mí” (Pizarnik 2005: 344).

Deste modo, o leitor pode aceder a uma esfera mais privada da vida de Pizarnik, ao mesmo tempo que formula e (re)formula as suas opiniões sobre a configuração que este eu-outro nos faculta, dando uma versão das suas fragilidades, das suas perdas, das suas desilusões afectivas, condicionadas pelo crivo da subjectividade e da selectividade da memória.

Como expressou José Cardoso Pires n’ *O Jornal de Lisboa* em 10 de Janeiro de 1983,

Aquilo que alimenta quem escreve é a vida paralela que se tem quando se escreve uma história, ou por outras palavras: por detrás do livro escrito está um livro vivido em termos de quotidiano, de experiência, mas também um livro vivido em cima da escrita. (1983: 40)

Pizarnik vivenciou a vida, a escrita e a escrita dessa mesma vida. Em *Diários* é possível ao leitor ter essa percepção, até porque a própria confessa distinguir a linha divisória entre vida e literatura, mas confessa ainda a sua incapacidade em dissociar a vida da literatura, e de viver a não ser para e na literatura: “[...] por querer hacer de mí un personaje literario en la vida real fracaso en mi deseo de hacer literatura con mi vida real pues ésta no existe: es literatura” (2005: 200).

Neste contexto, porém, não interessa tanto reflectir sobre as relações que se estabelecem entre vida e escrita, mas essencialmente sobre outra questão que com esta se relaciona, o papel que a memória exerce na escrita e na escrita de um percurso existencial.

Assim, e retomando as palavras de José Cardoso Pires, as reflexões que Pizarnik apresenta nos seus diários permitem perceber que “por detrás do livro escrito está um livro vivido em termos de quotidiano de experiência”, na medida em que a autora vivenciou e registou, dando origem ao “livro vivido em cima da escrita”, porque quem escreve, re-vive, mas de forma mais distanciada.

O acto de escrever não é apenas uma forma de lembrar, de (re)inventar, dado que se adquire uma distância sobre aquilo que se escreve e se cria o sítio onde se armazena e deposita o que se escreve. O acto de escrever permite libertar da angústia. Como afirma Staiger, quem escreve um diário evade-se de cada dia, na medida em que se afasta dos factos ocorridos, ao mesmo tempo que os partilha. Nesta libertação, que se opera através da escrita de *Diarios*, o relato é condicionado pela própria autora, pelo seu carácter, emoções e pela selectividade da sua memória.

O sujeito ao estabelecer um confronto entre o eu, que viveu e presenciou, e o outro, que escreve, se vê e analisa, assume o papel de criador de uma realidade, na medida em que a fixação do vivido para o registo escrito é já uma releitura. Deste modo, é o sujeito-objecto da autobiografia e conduz o leitor, quando fala de si, facultando-lhe o que pretende e ocultando o que voluntária ou involuntariamente evita, como conclui Francisco Ayala o prólogo das suas memórias intituladas *Recuerdos y olvidos*:

Pero, después de todo, sigo preguntándome: ¿por qué se me escapan tantas cosas de mi pasado?, ¿por qué determinadas cosas se me escapan, mientras que otras permanecen fijas de modo indeleble? (1991: 13)

A memória é selectiva, escolhe e valoriza os acontecimentos que estão mais associados a certas emoções, em detrimento de outros.

A teoria de redes de memória defende que nós de memória de eventos se ligam a nós de memórias emocionais e a nodos de emoção. Na sua dissertação de mestrado *Aspectos Psicopatológicos das experiências dissociativas*, a médica psiquiatra Lara Severino refere:

[...] de acordo com o modelo original de Bower, posteriormente desenvolvido para explicar o papel do afecto na aprendizagem, as redes de memória proposicionais seriam constituídas por nós de memória de eventos e nós de memórias emocionais. Segundo este modelo, a memória seria armazenada em nós de eventos e, para ser recuperado, é necessário que o nó correspondente seja activado acima de um determinado limiar de excitação. Quanto maior for o número de conexões que determinado nó possui, maior será a probabilidade de ser activado. Desta forma, pressupõe-se a existência de um cruzamento de excitação emocional com a “contextual”, assim, a propagação da excitação pelos nós emocionais vai somar-se à excitação “contextual”, sendo mais fácil atingir o limiar de excitação. [...] Assim, as memórias associadas a determinados afectos são mais facilmente recuperadas durante estados emocionais semelhantes e estarão mais inacessíveis no estado emocional habitual. (Severino 2003: 22-23)

Nos momentos mais pautados pelo sofrimento, a escrita de Pizarnik incide sobre aspectos mais depressivos, pois a memória relembra mais os factos associados a emoções fortes, sejam felizes ou infelizes, uma vez que está ligada aos afectos e por eles condicionada.

Assim, a memória constitui uma forma de leitura da realidade, do mundo, uma equação onde há intervenção de vários factores, como a experiência individual, o contexto presente, a imaginação, o que origina uma recriação da realidade. Os diários de Pizarnik são também um jogo de prismas, ao ponto de Alejandra confessar – “Quítate la máscara. Y detrás o debajo hubo una ausencia de cara”. (Pizarnik 2005: 297)

Neste contexto, lembramos as palavras de Lino Bueno, investigador do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade de São Paulo, que considera:

O que fica armazenado é um sumário interpretativo de toda a nossa experiência passada. A capacidade dos neurónios de se transformar, adaptando a sua estrutura ao contexto (plasticidade neural), seria o suporte do funcionamento da memória. (Tait 2004)

No caso de Pizarnik, muito precocemente se evidenciou a importância que os diários tinham na sua vida, como se fossem uma garantia da sua própria identidade. Frequentemente os diários da autora são transfiguradores de um real vivido/acontecido numa realidade ambicionada, para onde o sujeito pretende evadir-se e libertar-se.

Segundo Montaigne, há exterioridade na interioridade do sujeito, já que a realidade exterior condiciona-o, influenciando na sua interioridade. Há passagens em *Diários* da escritora argentina que remetem para o efeito que o exterior, o olhar do outro, provoca em si, suscitando-lhe um sentimento de estranheza e de não pertença, como aquele que relata a propósito da sua entrada numa livraria:

Entro en una librería desconocida. Me dirijo a los anaqueles coloreados, llena de curiosidad y tensa de emoción. La esperanza de hallar “algo nuevo” es quebrada por la voz del empleado que me pregunta qué títulos busco. No sé qué decirle. Al fin, recuerdo uno. Hubiese querido seguir mirando, pero sentía sobre mí el peso de esa mirada comerciante, tan estrecha y desaprobadora ante alguien que “no sabe” lo que quiere. ¡Siempre lo mismo! (Pizarnik 2005: 17)

Este sentimento de estranheza é geralmente accionado pelo olhar do outro, pelo contacto do eu com o outro e o confronto com os seus limites: “Cuento con una carencia casi absoluta de recursos internos, a pesar de tener dentro de mí un mundo tan vasto, pero es un mundo dependiente de mí, divorciado de mi yo [...]” (Pizarnik 2005: 106).

Apesar de reconhecer a vastidão do seu mundo interior, admite também a impossibilidade de prolongar esse potencial, a não ser através da literatura, pois não possui, como confessa, “recursos internos” que lhe permitam actuar no exterior.

Há emoções, momentos do passado que são relegados para o esquecimento, como forma de preservação. Não podemos esquecer, no âmbito desta reflexão, o aspecto vital que a Psicanálise tem no estudo da memória. Assim, várias memórias são esquecidas porque

implicariam um grande sofrimento para o indivíduo e, por isso, permanecem no inconsciente. Desta forma, são explorados mecanismos de defesa psicológicos, tais como a repressão e o recalçamento como responsáveis pela supressão de determinadas memórias.

Alejandra ao longo de *Diarios* faz referências pontuais à sua infância como um tempo e espaço que lhe foi pouco gratificante e aprazível. Na verdade, as escassas menções ao tempo da infância deixam antever um evitamento de lembrar, ou melhor a necessidade de esquecer, como expressa a autora: “Infancia lamentable, rota, como una buhardilla llena de ratones y de carbón inútil. He intentado rescatar un solo recuerdo hermoso pero no lo he conseguido” (Pizarnik 2005: 126).

Assim, vem à superfície o lembrar-se apenas de uma parte dos elementos relativos à infância, pois os outros ficam escondidos e estão submetidos a algum grau de censura entre o consciente e o inconsciente:

Y necesito recuperar mi infancia, urge detenerla, desenterrarla de su pantano de miedos. Pero pensándolo bien ¿he tenido yo una infancia? No, creo que no. No tengo un solo recuerdo de ella que me permita la más mínima nostalgia. No tengo ni un recuerdo bueno de mi niñez. (119)

Entre a ânsia de lembrar, de recuperar a infância, conotada como um espaço de medos, há uma atitude de recusa que assinala a necessidade de esquecer esse tempo de tumulto, do qual não tem recordações gratificantes. A infância está associada a uma carga semântica negativa, povoada por “juguetes rotos”, “sorpresas que me disgustaban” e que pretende esquecer.

Não podemos, neste contexto, deixar de evocar Freud que defende que mais importante do que a capacidade de lembrar é a capacidade de esquecer, na medida em que há acontecimentos que aportam tanto sofrimento que são incomportáveis ao equilíbrio psíquico. Por isso, é mais compensador esquecer-los.

Também Ana Cecília Carvalho, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gérias, considera:

A memória para a Psicanálise é um campo no qual as significações feitas por alguém, a partir das suas experiências vividas ou imaginadas, articulam-se numa linha de continuidade que pode estar interrompida nalguns pontos pela acção de certos mecanismos defensivos. (Tait 2004)

Pizarnik actua os seus mecanismos de defesa sobretudo quando evoca alguns episódios da infância e inclusive as relações que estabelece com os pais. Nas passagens de *Diarios* alusivas à infância e à relação parental é perceptível uma certa tensão, desencanto, revolta e nostalgia,

Cuando yo era una niña decía siempre sí. Sí al juego, al canto, a las exigencias familiares. Cuando tenía tres años era bellísima y sonreía. Aún mi madre no había ganado [...]. Hoy pienso en esa niña y me asombra comprobar cómo trabajaron para arruinarme. (Pizarnik 2005: 288)

Na sua obra *The limits of autobiography. Trauma and testimony*, Leigh Gilmore analisa a ligação entre o trauma e a auto representação e a sua relevância nas autobiografias, mais concretamente na sua elaboração e nos seus limites. Este autor refere a existência de escritores que evitam os registos autobiográficos como forma de relatar experiências de dor pessoal, inclusivamente pelas implicações legais, nomeadamente de abuso sexual, preferindo registos mais ficcionados. Gilmore salienta ainda a dificuldade de representar o trauma em linguagem, como algo que a ultrapassa, mas sendo vital e curativa em face da experiência traumática.

Efectivamente, a linguagem em Pizarnik, quer na obra poética quer nos diários, é um lenitivo para a sua interna dor psíquica, para a sua angústia, ajudando-a a atenuar a solidão e a falta de afecto:

He pensado en mi soledad absoluta, (...) He pensando que estoy sola y que me sustento sólo en mí para sobrellevar mi vida y mi muerte. Pensar que ningún ser me necesita, que ningún me requiere para completar su vida. (Pizarnik 2005: 107)

As biografias, segundo Gilmore, proporcionam a oportunidade de uma leitura correctiva e são um agente de auto-representação, uma vez que remodelam a auto-imagem. Fazendo uma extrapolação para *Diarios* de Pizarnik reconhecemos essas mesmas viabilidades. Alejandra expressa aí retratos fragmentados do eu-outro, analisado à luz de várias perspectivas e de vários estratos. Enquanto alguns escritores, de acordo com Gilmore, o fazem para dar uma visão mais vaga da sua biografia, no sentido de a diluir e fragmentar – “posso estar aqui” ou “posso estar ali” – Pizarnik faz um esforço no real concreto que vai obtendo outros contornos e significados, levando-a a afirmar “Ya no soy más que un adentro”.

Também Antze e Lambek em *Tense past. Culture essays in trauma and memory* (1996) focam a memória como interligação entre realidade e fantasia na representação e interpretação:

The past does not correspond to the real in any direct, unmediated way since what we remember are memories – screens always already impressed by the fantasies or distortions of a series of successive rememberings. (Autze & Lambek 1996: xii)

O livro *Diarios* de Pizarnik patenteia, em algumas páginas, exercícios de resistência contra o desespero e solidão profundas. São mediadores entre a autora e a realidade/mundo, bem como entre ela mesma e, em certa medida, substitutivos da própria vida, uma vez que a memória o é.

Assiste-se ao dilema de um eu que se debate entre dois pólos – o desejo de analisar o real e o desejo de se libertar desse mesmo real, reagindo violentamente contra as imposições e regras sociais, assinaladas em algumas passagens pela presença da mãe, que representa o olhar do outro.

Nos seus registos, Pizarnik (re)cria a sua solidão e angústia, a crueza do quotidiano, tornando em algo mais suportável e atraente, isto é numa realidade ambicionada, na “irreal realidade”: “¡Cuántas cosas pierdo! ¡Cuántas sensaciones [...] Todo por vivir menos, en ésta, mi dolorosa e irreal realidad!” (2005: 18).

O prestigiado psicanalista Coimbra de Matos estabeleceu uma analogia entre a incapacidade de sonhar e o vazio inóspito, considerando que um corpo, tal como a casa que não é habitada, está irremediavelmente condicionado à ruína.

E questionamos nós, uma mente em sobressalto que recusa a realidade, reiventa-a, recuperando e ficcionando realidades paralelas não estará também propensa à ruína?

BIBLIOGRAFIA

- ANTZE, Paul & LAMBEK, Michael (1996) “Preface”. In: Paul Antze, Michael Lambek (eds.) *Tense past. Culture essays in trauma and memory*. New York – London, Routledge.
- AYALA, Francisco (1991) *Recuerdos y olvidos*. Madrid, Alianza.
- DE MAN, Paul (1991) “La autobiografía como desfiguración”. In: Ángel Loureiro (ed.) *La autobiografía y sus problemas teóricos. Estudios e investigación documental*. Barcelona, Anthropos.
- GILMORE, Leigh (2001) *The limits of autobiography trauma and testimony*. Ithaca and London, Cornell University Press.
- LEJEUNE, Philippe (2002) “Definir autobiografia”. In: Paula Morão (org.) *Autobiografia e auto-representação*. Lisboa, Edições Colibri: 37-54.
- (1975) *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil.
- MAGALHÃES, Rui (2006) *Infinito singular*. Alcochete, Textiverso.
- MATOS, António Coimbra de (2003) *Mais amor menos doença*. Lisboa, Climepsi Editores.
- MORÃO, Paula (1987) *Irene Lisboa, vida e escrita* (dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa). Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.
- PIZARNIK, Alejandra (2005) *Diarios*. Ana Becciu (ed.). Barcelona, Lumen.
- ROCHA, Clara Crabbé (1977) *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra, Alameda.
- SEVERINO, Isa Margarida Vitória (2008) “Alejandra Pizarnik: entre a dor de viver e a ânsia de escrever”. In: Rui Magalhães (org.) *Literatura e Vida*. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- SEVERINO, Lara Cristina Vitória (2003) *Aspectos psicopatológicos das experiências dissociativas* (Dissertação de Mestrado em Psiquiatria). Lisboa, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- TAIT, Marcia (2004) “Mecanismos complexos memória separam o lembrar do esquecer”. In: Carlos Vog (org.) *Com Ciência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico* (10 de Março de 2004). [En línea:] <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/marcia.shtml> (11.09.2006).
- VENTI, Patricia (2008) *La escritura invisible el discurso autobiográfico en Alejandra Pizarnik*. Barcelona, Anthropos.